

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

KARINA KANAMARU DE AMORYM

PINÓQUIO, O LEITOR.



Rio Claro
2015

KARINA KANAMARU DE AMORYM

PINÓQUIO, O LEITOR.

Orientador: Maria Augusta H. Wurthmann Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro

2015

807 Amorym, Karina Kanamaru de
A524p Pinóquio, o leitor. / Karina Kanamaru de Amorym. - Rio
Claro, 2015
26 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura -
Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Maria Augusta Hermengarda Wurthmann
Ribeiro

1. Literatura - Estudo e ensino. 2. Collodi, Carlos. 3.
Leitura. 4. Construção de leitor. 5. Literatura infantil. I.
Título.

Agradecimentos

Agradeço a minha família, que me deu não somente condições de estudar, mas como também apoiou e me ensinou a valorizar a educação e a amar os livros. Em especial, eu gostaria de agradecer a minha mãe Satiko Kanamaru – amiga fiel que me confortou nos momentos de desespero e teve paciência para me iluminar quando minha alma estava sombria - e ao meu pai Wagner Alves de Amorym - que me apoiou, me auxiliou quando precisei, e quando pensei em desistir de meus sonhos, me deu forças para seguir em frente.

Agradeço também a todos os meus amigos e companheiros de curso, por todas as experiências e aprendizagens que tive fora da sala de aula.

Agradeço aos meus professores por me instruírem.

Agradeço a minha professora e orientadora Maria Augusta H. Wurthmann Ribeiro por orientar meu trabalho, por me fazer parar para pensar, por compartilhar comigo um pouco de sua sabedoria, por sua bondade em me ensinar em seu tempo livre e por ter acreditado na minha capacidade como aluna.

"Enquanto escrevo isto, me ocorre que a peculiaridade da maioria das coisas que consideramos frágeis é o modo como elas são, na verdade, fortes. Havia truques que fazíamos com ovos, quando crianças, para demonstrar que eles são, apesar de não nos darmos conta disso, pequenos salões de mármore capazes de suportar grandes pressões, e muitos dizem que o bater de asas de uma borboleta no lugar certo pode criar um furacão do outro lado de um oceano. Corações podem ser partidos, mas o coração é o mais forte dos músculos, capaz de pulsar durante toda a vida, setenta vezes por minuto, não falhando quase nunca. Até os sonhos, que são as coisas mais intangíveis e delicadas, podem se mostrar incrivelmente difíceis de matar.

Histórias, assim como pessoas, borboletas, ovos de aves canoras, corações humanos e sonhos, também são coisas frágeis, feitas de nada mais forte ou duradouro do que 26 letras e um punhado de sinais de pontuação. Ou então são palavras no ar, compostas de sonhos e idéias — abstratas, invisíveis, sumindo no momento em que são pronunciadas -, e o que poderia ser mais frágil do que isso? Mas algumas histórias, pequenas, simples, sobre gente embarcando em aventuras ou realizando maravilhas, contos de milagres e de monstros, perduram mais do que todas as pessoas que as contaram, e algumas perduram mais do que as próprias terras onde elas foram criadas." (Neil Gaiman)

Resumo

Este estudo tem como objetivo principal analisar os vários leitores presentes no clássico Pinóquio do escritor italiano Collodi. Do leitor que apenas consegue aprender o código da escrita e a sintaxe que comanda esse código, ou no dizer de Manguel (2009,p.41) – o processo mecânico de aprender o código da escrita na qual está codificada a memória de uma sociedade - ao leitor que consegue entender sua identidade e a sociedade que o cerca, ou também no dizer de Manguel (2009,p.41) – o aprendizado de como as inscrições nesse código servem para conhecer de maneira profunda, imaginativa e prática nossa identidade e a do mundo que nos cerca, onde encaixar o tipo de leitor que Collodi cria para seu personagem?. É válido, ainda, indagar quais são os outros leitores na obra Pinóquio e o que representariam? Tecer a leitura e a releitura de uma obra permite essas reflexões sobre a educação e o processo humanizador da literatura (Cândido,1989,p.112), proporcionando assim uma viagem de introspecção (auto-conhecimento),e a exploração e leitura do mundo, fatores estes fundamentais na formação da subjetividade e da autonomia de pensamento do sujeito.

Palavras-chave: literatura infantil, construção de leitor, leitura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. A APRENDIZAGEM DA LEITURA	8
3. RELEITURA DAS CENAS DE LEITURA	13
3.1 Primeira situação	13
3.2 Segunda situação	16
3.3 Terceira situação	18
4. CONCLUSÃO	21
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1. Introdução

Todo trabalho de Conclusão de Curso nasce de um aborto. Aliás, um não, vários. Abortamos no caminho várias idéias e vários assuntos, na angústia de poder transcrever para o papel aquilo que temos de melhor como estudantes, de achar aquele assunto em que não nos julgamos especialistas (pois ainda vivenciamos muito pouco para ser) e nem temos tanto domínio, entretanto mesmo assim, nos fascina a ideia de poder pesquisar sobre tal. Porque ser estudante (e isso se estende além da área de graduação) é ser um pesquisador. E, um bom pesquisador é um bom explorador, que não tenta adentrar terrenos de fácil acesso, mas que se propõe a caminhar por trilhas desconhecidas e perigosas. Por isso, resolvi estudar o Pinóquio como leitor, personagem do livro *As Aventuras de Pinóquio*, do escritor italiano Carlo Collodi.

Quando surgiu o pensamento do Pinóquio leitor já sabia que estava para entrar numa mata fechada e que atravessaria um caminho cheio de pedras. Fugiu do caminho fácil que eu julgava ser a discussão da moral (fácil por ser algo que pesquiso por vontade própria desde meus quinze anos), e deixei-me seduzir pelo campo da literatura que é uma de minhas paixões. Pode até parecer uma tolice pensar que qualquer trabalho literário seja difícil, pelo menos aos olhos de um leigo, mas, tenho que confessar que toda releitura é quase que andar sozinho sem tradutor num país estrangeiro. Isso porque eu vejo que todo texto tem pelo menos três sentidos: o sentido originado pelo autor, o que o autor conseguiu colocar no papel e finalmente o sentido empregado pelo seu leitor. Ou seja, nenhuma análise vai ser totalmente igual à outra, e não há guia que ajude nessa “empreitada”.

Minha inspiração inicial para este trabalho foi, em especial, um livro, lido em sala de aula, chamado "Nuevo Elogio de la Locura", de Alberto Manguel, que em português leva o título de "À Mesa com o Chapeleiro Maluco" (fato curioso é que no original se faz menção à uma obra do Erasmo de Roterdã - Elogio da Loucura - enquanto o título em português nos remete à Carroll e a história de Alice no País das Maravilhas). Embora a leitura de alguns outros escritores tenham me auxiliado, é a obra de Manguel que norteia este trabalho: minha pretensão é fazer uma releitura da obra *Pinóquio* (tradução de Ana Maria Machado para a Companhia das Letrinhas) com destaque para as situações de leitura, de maneira geral, e específicas, referentes ao personagem principal levando em consideração o que Manguel define como a aprendizagem da leitura. Assim, verificaremos que tipo de leitores estão presentes, ou não, na obra e quem são eles, além de definir a figura de que leitor que é Pinóquio.

O objetivo deste trabalho, além de definir que tipo de leitores há, ou não, na obra e que leitor é Pinóquio, é fazer uma reflexão sobre a importância da leitura e que tipo de leitores as escolas estão formando. Como o estudo da obra Pinóquio pode ajudar na compreensão da situação do leitor na nossa realidade? Ou ainda: que tipo de leitores nós, professores e futuros professores, esperamos e gostaríamos de formar em nossas salas de aula? Este trabalho ambiciona poder proporcionar um espaço de reflexão, e embora eu desejasse que todos terminassem essa leitura de alguma forma modificados, em especial eu gostaria de “tocar”, sensibilizar, os educadores e outros profissionais da área de educação.

Sobre o ato de ler, Lajolo (2008, p.7) diz que ninguém nasce sabendo ler, “aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprende por aí, na chamada escola da vida”. A primeira parte do trabalho é dedicada a entender o que seria esse aprender a ler, onde será exposto o conceito de Manguel sobre o aprendizado da leitura e as diferentes etapas da aprendizagem.

Já na segunda parte, será feita a releitura da obra Pinóquio a partir das cenas em que aparecem situações de leitura. Pinóquio é um personagem clássico da literatura infantil que conta a "odisséia" de um boneco de madeira que quer virar um "menino de verdade". No entanto, para que isso ocorra é necessário que antes ele seja um bom menino, ou em outras palavras, que ele se adéque ao padrão da sociedade e as suas regras. E na sociedade, o primeiro passo para se tornar um cidadão é aprender a ler. Na história, o boneco aprende a ler e se torna um bom menino. Mas, pensando sobre o pontuado por Manguel sobre o aprender a ler, a pergunta que precisa ser feita é: que tipo de leitor é Pinóquio?

2. A aprendizagem da leitura

O ser humano é uma criatura ligada à palavra, Larrosa pondera isso ao lembrar a definição que Aristóteles deu ao homem: “*zoon lógon échon*”. Essa expressão pode ser entendida como “vivente dotado de palavra”, afinal de contas, nossa comunicação e pensamentos se dão por palavras. Larrosa expõe que a linguagem é uma condição essencial do ser humano, o “eu” é feito de palavras - mais do que um meio de expressão, o “eu não é o que existe por trás da linguagem, mas o que existe na linguagem.”(LARROSA, 2001, p.24 - 25):

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “racionar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.(LARROSA, 2002, p.21)

Na tentativa de dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, nós seres humanos utilizamos da palavra para narrar nossa vida, nosso cotidiano e como Manguel fala temos a impressão de que tudo o que nos cerca nos conta histórias, em tudo encontramos a linguagem. Nesse ato de tentar compreender o mundo, e a nós mesmos, estamos fazendo uma leitura de mundo. Logo, somos, antes de tudo animais leitores. Na necessidade de tentar comunicar essa vivência de mundo, o homem criou a linguagem escrita, a linguagem oral, para assim poder contar histórias, e através dessas histórias, comunicar suas vivência. Nossa existência então se torna uma narração ou como diz ainda Larrosa tentamos dar um sentido a nós mesmos "construindo-se como um ser de palavras a partir das palavras e dos vínculos narrativos que recebeu (...)" (LARROSA, 2002, p. 23). Ou seja, é justamente com as histórias recebidas anteriormente, com os livros que já lemos, que nós, seres humanos, tentamos dar sentido a essa inquietude, essa nossa aparente ausência de destino que é a vida, transformando-a numa narrativa:

Talvez os homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falem para nós. (LARROSA, 2001, p.22)

Logo, a aprendizagem da leitura e escrita é algo essencial ao homem, porque como Larrosa diz (2002, p.21) “Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.” – ou seja, aprender os códigos da nossa linguagem não serve apenas para se

comunicar com o mundo, mas também permite que haja uma comunicação interna do sujeito com ele mesmo. Sobre o assunto Manguel diz que:

Uma sociedade deve ministrar o conhecimento de seus códigos a seus cidadãos, de maneira que estes possam participar ativamente dela; mas o conhecimento desse código, além da mera capacidade de decifrar um slogan político, um anúncio publicitário ou um manual de instruções básicas, permite a esses mesmos cidadãos questionar essa sociedade expor suas mazelas e propor mudanças. (MANGUEL, 2009, p.47)

Embora haja toda essa possibilidade na linguagem, todo esse poder da palavra, muitas vezes não é explorado todo o potencial existente da palavra – potencial que pode (ou não) ser captado pelo leitor. Para compreender que tipo de leitor é o Pinóquio, objeto de nosso estudo, usaremos como base para a releitura da obra as fases de aprendizado da leitura exposta por Manguel no livro “À mesa com o Chapeleiro Maluco”:

Primeiro, o processo mecânico de aprender o código da escrita na qual está codificada a memória de uma sociedade.
 Segundo, o aprendizado da sintaxe que comanda esse código.
 Terceiro, o aprendizado de como as inscrições nesse código servem para conhecer de maneira profunda, imaginativa e prática nossa identidade e a do mundo que nos cerca. Esse terceiro aprendizado é o mais difícil, o mais perigoso, o mais poderoso (...)
 (MANGUEL, 2009, p. 41)

Podemos entender essa primeira etapa - o processo mecânico de aprender o código da escrita - como um processo de memorização de letras, palavras, onde não há uma reflexão sobre o que se está lendo. Afinal, é um processo mecânico. Essa decodificação das letras é o primeiro passo para se começar a ler. A partir desse ponto, um sujeito consegue se integrar de forma básica na sociedade. Não é bobagem dizer que uma pessoa que não saiba ler acaba sendo, de uma forma ou outra, marginalizada, afinal até para as situações mais simples é necessário que o sujeito saiba ler.

Já na segunda etapa, onde ocorre o aprendizado da sintaxe que comanda o código escrito, o leitor não somente consegue memorizar as palavras como também compreende o que elas querem dizer, de forma que elas têm um significado para ele. Essa fase não é mais um processo mecânico, porque não basta o indivíduo decorar o código, mas é preciso que ele compreenda o que as palavras querem dizer, de forma que elas tenham um significado para ele. Visto como o signo verbal, o leitor na 1º fase apropria-se do significante, ou seja, dos elementos, letras, sílabas, que a compõe; enquanto que na 2º fase vai apropriar-se do seu significado de forma a compreender totalmente a palavra.

O leitor para conseguir efetivamente ler não basta decodificar as palavras, suas letras e sílabas, mas também precisa conseguir fazer associações entre as palavras e entender a estrutura que rege o código porque sem isso, as palavras são apenas um amontoado de palavras sem sentido - o que dá sentido a elas é justamente a junção entre a decodificação das palavras com a compreensão do que elas querem dizer.

Porém, para se tornar completamente um leitor, alcançar essas duas etapas não é suficiente. Segundo Manguel:

é relativamente fácil ser superficialmente alfabetizado para seguir uma comédia na TV, entender um jogo de palavras de um anúncio publicitário, ler um slogan político, usar um computador. Mas para nos aprofundarmos, para termos coragem de enfrentar nossos temores e dúvidas e segredos ocultos, para questionarmos o funcionamento da sociedade em relação a nós mesmos e ao mundo, precisamos aprender a ler de outra maneira, de forma diferente, que nos permita aprender a pensar.(MANGUEL, 2009, P.49)

Mas, como pensar numa sociedade que como Manguel diz “quase tudo o que nos cerca nos encoraja a não pensar, a contentar-nos com lugares-comuns”? Vive-se numa comunidade em que se preza a rapidez, o acumulo – pelo simples acumulo – de informações. A leitura, então, torna-se rasa e seu leitor passa pelo texto sem se deixar modificar de alguma forma pelas palavras. Não é uma leitura significativa. É nesse ponto em que o sujeito fica na segunda etapa da aprendizagem da leitura, leitor esse capaz de estabelecer associações entre palavras e entender a estrutura das frases - processo importantíssimo que sem a qual não tem como acontecer a leitura. Essa segunda etapa é um processo de aprendizagem, onde ainda não há um leitor completo.

É necessário lembrar que tempo e profundidade são duas qualidades essenciais tanto do pensamento quanto do ato de ler, e educar é um processo demorado:

Educar é um processo lento e difícil, dois adjetivos que em nossa época, em vez de serem termos elogiosos, qualificam defeitos. Hoje parece quase impossível convencer a maioria de nós dos méritos da lentidão e do esforço deliberado.(Manguel, 2009, p.48-49)

A linguagem, segundo Manguel, “pode permitir ao falante permanecer na superfície do pensamento, repetindo slogans dogmáticos e lugares-comuns em branco e preto, transmitindo mensagens em vez de significado” como também pode “ajudá-lo a tentar recriar uma experiência, dar forma a uma idéia, explorar em profundidade e não apenas na superfície o insight de uma revelação.” (MANGUEL,2009, p.43) – e nesse ponto entra a terceira fase da aprendizagem da leitura.

O que diferencia a segunda etapa para a terceira é que há uma reflexão sobre o que se está lendo, de forma que se percebe que um texto não está isolado de um contexto, que ele

conversa com outros textos e com a nossa própria realidade – num processo que podemos chamar de intertextualidade.

Ainda podemos dizer então que a leitura, nessa fase plena, é justamente um diálogo entre o texto e seu leitor. Não há algo imposto, não há uma interpretação única, um texto pode ter diversas leituras. Ou, como Manguel define:

Aprender a ler”, então, consiste na obtenção dos meios para se apropriar de um texto (...) e também para participar das apropriações de outros (...). Nesse campo ambíguo entre a posse e a identidade descoberta por si mesmo, reside, no meu ponto de vista, o ato de ler. (MANGUEL, 2009, p.46)

Muitas vezes nas escolas, os professores impõem suas leituras e não dão espaço para a leitura pessoal do aluno. Para Manguel, ser um leitor é conseguir acompanhar essa leitura que espera-se que os alunos façam, porém é também conseguir ir além, dando uma nova significação ao texto. Larrosa diz que para aprender a ler é necessário primeiro dissolver todos os esquemas dados, que são entregues já lidos e interpretados, o que impossibilita uma real leitura do aluno. É necessário que ele passe pela experiência de leitura e essa experiência não pode ser vivenciada por mais ninguém que não ele, é uma travessia que ele precisa fazer sozinho, para assim poder questionar de verdade o “palavreado convencional que nos faz dizer o que temos de dizer, ver o que temos de ver, ler o que temos de ler.” (LARROSA, 2001, p.10) e poder ler o texto de outra maneira. Ou seja, é necessário pensar na aprendizagem da leitura (e porque não também o ensino) como uma abertura do sujeito à linguagem.

Essa abertura do sujeito à linguagem é resultado de uma experiência. Larrosa define a experiência como algo que nos toca, nos acontece, nos passa; e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Ou seja, algo nos acontece, nos afeta, e não somos mais os mesmos de antes dessa experiência. A experiência é uma travessia que não sabemos de antemão aonde vai nos levar, não há segurança ou um objetivo pré-estabelecido e é na linguagem onde pode ocorrer a experiência. Esse sujeito da experiência de Larrosa pode-se identificar como o leitor que Manguel define, e assim é lembrado que a aprendizagem, a leitura e a experiência demandam tempo. Afinal, educar é um processo lento:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; para para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

Por isso que ter espaço para a experiência, se tornar um leitor, é algo tão complicado quando o mundo em que vivemos impõe um ritmo tão acelerado de vida, em que não há espaço para reflexão. Somos bombardeados de informações, e há quem creia que a opinião é quase que um reflexo automático, mecânico, de se estar informado; impossibilitando assim a experiência do leitor.

3. Releitura das cenas de leitura

3.1 Primeira situação

É no capítulo nove do livro, intitulado “Pinóquio vende a cartilha para ir ver o teatro de marionetes” que acontece a primeira situação de leitura. Nessa parte da história Pinóquio não sabe ler e fantasia como será sua vida na escola e sua aprendizagem:

-Hoje, na escola, quero aprender logo a ler. Amanhã vou aprender a escrever. E depois de amanhã vou aprender a fazer os números. Depois, com a minha habilidade, vou ganhar um monte de dinheiro e com o primeiro dinheiro que tiver no bolso quero fazer logo para o meu pai um belo paletó de lã (COLLODI, 2009, p.36)

Ele que ainda não começou o aprendizado da leitura supõe que aprender é algo mecânico, rápido: em um dia ele aprende a ler e já no outro aprende a escrever. Não compreende que a leitura é uma experiência que leva tempo e é um processo complicado, demorado e tem uma imagem fantasiosa da educação. Também não entende que mais do que aprender uma habilidade para ganhar dinheiro, a leitura pode proporcionar um melhor entendimento de si e do mundo por permitir romper com os sistemas habituais de percepção. Mas ele não percebe a importância da leitura e da palavra escrita e se desvia da escola na primeira distração.

-Hoje vou ouvir os pífaros, e amanhã vou à escola. Para ir à escola tem sempre tempo – disse afinal aquele moleque dando de ombros. (COLLODI, 2009, p.37)

A escola pode esperar, os pífaros não, e fugindo da escola ele acaba indo assistir à uma peça de marionetes:

E de repente viu-se no meio de uma praça cheia de gente que se acotovelava ao redor de um grande barracão de madeira e de lona pintada de todas as cores.

-O que é esse barracão - perguntou Pinóquio voltando-se para um rapazinho que era da aldeia.

-Lê o cartaz, está escrito ali, e você fica sabendo.

-Eu leria com a maior boa vontade, mas justamente hoje não sei ler.

-Bela besta! Então eu vou ler para você. Fique sabendo que naquele cartaz, em letras vermelhas como fogo, está escrito: GRANDE TEATRO DE MARIONETES...

-Faz muito que a peça começou?

-Vai começar agora.

-E quanto se paga para entrar?

-Quatro tostões.

Pinóquio, que tinha no corpo a febre da curiosidade, perdeu todo o pudor e, sem se envergonhar, disse ao rapazinho com quem falava:

-Será que você me dava quatro tostões até amanhã?

-Eu te daria com a maior boa vontade- respondeu o outro debochando – mas hoje justamente não posso te dar.

-Por quatro tostões te vendo a minha jaqueta – disse-lhe então a marionete.

-E pra que me serve uma jaqueta de papel florido? Se chove, não dá nem para tirar do corpo.

-Quer comprar meus sapatos?

-Só se for para acender o fogo.

-Quanto você me dá pelo chapéu?

-Grande compra, realmente! Um chapéu de miolo de pão! Vai ver, os ratos acabam comendo ele na minha cabeça!

Pinóquio estava aflito. Via-se a ponto de fazer uma última oferta, mas não tinha coragem. Hesitava. Vacilava, sofria. Afinal disse:

-Quer me dar quatro tostões por esta cartilha nova?

-Eu sou um menino e não compro nada de meninos – respondeu o pequeno interlocutor, que era muito mais ajuizado que ele.

-Por quatro tostões, eu fico com a cartilha – gritou um vendedor de roupa usada que tinha ouvido a conversa.

E o livro foi vendido ali, na hora. E dizer que o pobre Gepeto havia ficado em casa tremendo de frio em mangas de camisa, para comprar a cartilha para o filho.(COLLODI, 2009, p.37-38)

Essa é a primeira situação de leitura, o suporte do texto é o cartaz. O cartaz com letras vermelhas na praça é uma propaganda do teatro de marionetes e pode-se dizer que a cor das letras foi escolhida justamente para que quem passasse pela praça prestasse atenção ao cartaz. Pela forma que é exposto no texto, dá para se imaginar que fora escrito em letra de imprensa, que facilita o processo de leitura mecânica, pois cada letra tem seu símbolo, além do fato de ser muito usado no cotidiano das pessoas; sendo utilizada não somente em cartazes, placas, livros e cartilhas, como também nos jornais – que estão presentes na vida de muitas pessoas, tanto daquele tempo como ainda na vida das da nossa época. Ou seja, por mais que uma pessoa não saiba ler, ela já viu as letras de imprensa algumas vezes na vida e elas lhe são familiares. Não é uma leitura que demanda grandes esforços, é curta e informativa.

A questão da venda da cartilha merece certa atenção. Mesmo com a falta de recursos de Gepeto, ele sacrifica o pouco que tem (no caso, seu único casaco) na tentativa de conseguir que Pinóquio fosse à escola e aprendesse a ler, lhe compra uma cartilha - livro que é a base da aprendizagem da leitura e da escrita. O velhinho nesse ato mostra como ele acha importante que seu filho saiba ler. Pinóquio entende também que é importante ler, como ele próprio diz a cartilha é o “principal e o melhor” da escola. Porém, o teatro, que representa a “palavra viva”, a linguagem oral, que é a que o boneco conhece e que tem sentido para ele, faz com que ele venda a cartilha para poder assistir à peça. A cartilha representa para Pinóquio a “palavra morta” pois ele não compreende a linguagem escrita. Ele ainda nem memorizou a palavra escrita, logo, a cartilha era inteligível e sem valor para ele – de forma que a vende sem pensar muito no assunto.

Também se pode notar que o rapazinho quando fala “Lê o cartaz, está escrito ali, e você fica sabendo.”, ele está supondo que poder ler o cartaz era algo que qualquer um poderia fazer. Mas Pinóquio não consegue ler e fica envergonhado por esse fato e usa a expressão “mas justamente hoje não sei ler”. Como Pinóquio, muitos italianos também não conseguiam ler e era uma minoria apenas que era alfabetizada naquela época

Pinóquio, por não saber ler, tem que se contentar com a leitura do menino da aldeia, sendo que não tendo condições para averiguar a veracidade das informações, poderia muito bem ter sido enganado. Poderia estar escrito qualquer coisa naquele cartaz e Pinóquio não saberia. Da mesma forma que Pinóquio poderia ter sido enganado, uma população analfabeta pode ser facilmente manipulada e enganada.

Pode-se pensar que esse estado de analfabetismo fosse marca apenas daquela época ou região, mas ainda hoje, embora haja toda uma política voltada à educação, o número de adultos não letrados e crianças que não vão as escolas é consideravelmente alto:

(...) a UNESCO revela que mais de 700 milhões de adultos de nossa era não sabem ler ou escrever e mais de 72 milhões de crianças não vão à escola, privadas do direito à alfabetização. (GORDIMER, 2009 p.45)

A questão da pobreza, nos países em desenvolvimento, é uma problemática marcante, mas há de se pensar então como a questão da aprendizagem da leitura não ocorre de maneira efetiva nos países desenvolvidos também. Além dos casos que podem ser contabilizados, há os casos de analfabetismo funcional, que acaba sendo mascarado nas pesquisas.

Os países em desenvolvimento, embora com mais motivos para produzir apenas o meio caminho para a alfabetização, não estão sozinhos nessa situação cultural. Universidades dos Estados Unidos relatam os mesmos resultados em seu sistema educacional, um reflexo dos valores culturais atuais de sua sociedade. Na Grã-Bretanha, vê-se o mesmo desânimo nos homens e mulheres jovens, nascidos e educados no país de origem da língua inglesa, que não sabem ler e escrever usando os grandes recursos de sua língua-mãe. Assim, embora a pobreza e a falta de oportunidades educacionais possam ser responsabilizadas pelo grande abismo em nosso mundo que é o analfabetismo, essa situação trágica não é a principal causa, tampouco a justificativa para o fenômeno difuso do analfabetismo funcional.(GORDIMER, 2009, p.46-47)

Ao longo da história do mundo, de um modo geral, os governos não demonstraram muito interesse em que a população fosse devidamente alfabetizada, e, conforme Manguel nos conta houve até a proibição do ensino da leitura aos escravos, forte demonstração de como a leitura é libertadora:

Não por acaso, nos séculos XVIII e XIX aprovaram-se leis proibindo que se ensinasse os escravos a ler, até mesmo a Bíblia, posto que (segundo se argumentava, com razão) qualquer um que pudesse ler a Bíblia poderia ler

também um panfleto abolicionista. Os esforços e os estratégias que os escravos idealizaram para aprender a ler são prova suficiente da relação entre a liberdade civil e poder do leitor, e do medo que essa liberdade e esse poder infundiram em todo tipo de governante.”(MANGUEL, 2009, p. 41)

Todavia, diferentemente de antigamente que sem o acesso à leitura não havia o acesso à informação e ao conhecimento, hoje, com o advento da televisão e até mesmo da internet, é possível uma pessoa ter acesso a informações mesmo que ela não consiga ler. Mas nesse caso, ela ainda vai estar dependendo da leitura feita por outra pessoa, porque por exemplo, quando se assiste a um noticiário, se estará sujeito a não somente saber a informação em si, mas a opinião imposta pela mídia assistida. É importante dizer que há uma diferença também entre o sujeito fazer sua leitura do texto e ele receber o texto já mastigado e interpretado, lido, por outra pessoa. Isso nem sempre acaba sendo uma conclusão óbvia, mas quando se recebe um texto já lido e interpretado, isso pode impossibilitar que o sujeito faça sua própria leitura.

Além disso, é necessário pensar que quando se utiliza da leitura se respeita o tempo individual de compreensão e interpretação. Se há tempo não somente de ler, mas de reler; de se voltar ao texto e pensar, refletir, sobre o que se está lendo. O leitor faz o seu tempo, e não fica preso por um tempo imposto – como acontece na televisão, onde o tempo é curto, acelerado.

3.2 Segunda situação

Na segunda situação de leitura, que ocorre apenas na metade da obra, Pinóquio agora é o leitor:

Então teve uma espécie de triste pressentimento e, começando a correr com toda a força que tinha nas pernas, em poucos momentos viu-se no gramado onde antes se erguia a Casa branca. Mas a Casa branca não estava mais ali. Havia, em vez disso, uma pequena pedra de mármore onde se liam em letras de imprensa estas dolorosas palavras:

AQUI JAZ
A MENINA DOS CABELOS AZUIS
MORTA DE DOR
POR TER SIDO ABANDONADA PELO SEU
IRMÃOZINHO PINÓQUIO

Como ficou a marionete, após conseguir a muito custo ler aquelas palavras, deixo vocês imaginarem. Atirou-se de cara no chão e, cobrindo de beijos aquele mármore mortuário, caiu em prantos. Chorou a noite inteira, e na manhã seguinte, ao alvorecer, continuava chorando, embora não tivesse mais lágrimas nos olhos. E seus gritos e seus lamentos eram tão dilacerantes e agudos que todos os morros ao redor os repetiam em eco.(COLLODI, 2009, p. 95-96)

Entre essa segunda cena e a primeira, muita coisa aconteceu. Pinóquio conheceu uma trupe de marionetes - e quase foi comido pelo titereteiro Tragafogo por ter atrapalhado o

andamento da peça, mas por fim, Tragafogo ficou com pena da situação do boneco e lhe deu cinco moedas de ouro. Por causa dessas moedas, dois sujeitos, chamados na narrativa de a Raposa e o Gato, fingem ficar amigos do boneco e conseguem convencê-lo que plantando as moedas em um lugar milagroso, chamado de Campo dos Milagres, ele irá conseguir uma árvore com moedas de ouro e multiplicará assim seu dinheiro. No caminho, param em um estabelecimento para descansar e no meio da noite os falsos amigos do boneco partem antes e deixam um aviso para que Pinóquio os encontre no Campo dos Milagres, ao nascer do dia seguinte. Nosso “herói” então parte sozinho no meio da noite, mas na estrada ele se depara com dois sujeitos escondidos por inteiro em sacos de carvão que aparecem para roubar suas moedas. Ele não percebe que os ladrões são justamente a Raposa e o Gato, mesmo quando mordendo a mão de um de seus perseguidores ele acaba abocanhando e arrancando fora uma patinha de gato. Os vilões acabam por enforcar Pinóquio em uma árvore, mas o boneco é salvo por uma fada e acaba não morrendo. Infelizmente, ele cruza novamente o caminho dos malvados assassinos, que acabam convencendo-o a enterrar as moedas no Campo dos Milagres, e assim que Pinóquio se afasta do lugar roubam as moedas. Quando Pinóquio vai a cidade dos Enrola-Trouxas reclamar que fora roubado, é preso justamente por ter sido roubado e só acaba solto porque o Imperador da cidade resolveu comemorar uma vitória sobre seus inimigos e soltou todos os presos. Depois de quatro meses na cadeia, Pinóquio tenta retornar à casa da Fada Azul, passa por alguns obstáculos e quando finalmente chega, apenas encontra a lápide da Fada.

A relação de Pinóquio com essa Fada é no mínimo curiosa. No início, como a Fada tem a aparência de uma menina, Pinóquio acaba considerando-a como uma irmã mais velha que cuida e protege seu pequeno irmão. Mais para frente, Pinóquio descobre que a Fada não morreu e ela aparece já com a aparência de uma mulher. Gepeto e a Fada Azul fazem o papel de família de Pinóquio e são principalmente esses dois personagens que estimulam o boneco ir à escola.

Nessa segunda situação de leitura, nos é apresentado a lapide da menina dos cabelos azuis e Pinóquio pela primeira vez é o leitor. Acontecem duas leituras nessa cena. A primeira, uma leitura de mundo de lugar: Pinóquio lê que no gramado onde antes havia uma casa, agora há uma lapide. A casa é representação da vida, enquanto a lapide é da morte. Dessa primeira leitura, com muita dificuldade, o boneco passa para a leitura da palavra, a qual o suporte do texto é a lapide. Como na primeira situação, a letra utilizada foi a de imprensa, mas enquanto o cartaz fala sobre coisas alegres da vida, a lapide informa sobre um fato triste: a morte. Nesse

momento então, em que ele consegue decodificar o código escrito depois de muito esforço, podemos notar que Pinóquio está entrando na primeira fase da aprendizagem de leitura.

Pinóquio se tornou um leitor mais competente, tanto na leitura de mundo, quanto na leitura do código escrito. Prova disso é que antes ele não fora capaz de fazer a leitura de que seu perseguidor, quando ele ia ao Campo dos Milagres, era na verdade o Gato e a Raposa que tinham fingido serem seus amigos. Ele não lê isso nem quando arranca a patinha de gato de seu perseguidor. Nesse momento, ele não foi um leitor competente porque ele consegue identificar o animal gato, mas não consegue associar uma parte do animal (a patinha) ao animal em si.

Quando ele procura a casa da Fada, ele é capaz de fazer a leitura de mundo de que a mudança da casa para a lápide significa uma mudança de vida para morte. Ele pode entender isso antes de ler a lapide. Também, ele consegue entender o significado das palavras, diferentemente da primeira cena onde ele teve que perguntar o que estava escrito no cartaz, aqui ele foi capaz de entender o que estava escrito na lapide.

3.3 Terceira situação

A terceira cena de leitura acontece já no final do livro. Nessa parte, Pinóquio passou por diversas desventuras. Ele ia à escola durante o período que morou com a Fada (e seu pai estava sumido), porém na primeira oportunidade de virar um menino de verdade, um amigo o convence a fugir com ele para o País dos Brinquedos. Lá, nesse lugar onde poderia brincar quanto quisesse e não precisava estudar, virou um burrinho e foi vendido. É interessante observar que a idéia da metamorfose de humano a burro (embora no nosso caso seja de boneco a burro), não é uma idéia original e já foi usada em outras obras. Um dos casos mais antigos (se não for o mais antigo), acontece na obra “Asno de Ouro”, de Apuleio, onde o personagem principal, Lúcio, se transforma em burro ao se hospedar na casa de uma feiticeira e usar uma de suas pomadas. Outro caso acontece em uma peça de Shakespeare, “Sonho de uma Noite de Verão”, onde Oberon, rei das Fadas e Duendes, faz sua rainha se apaixonar por um homem que fora transformado em burro. Nessas duas histórias, assim como em Pinóquio, os burros das histórias mantêm sua mente humana.

Depois de conseguir recuperar sua forma de boneco, ele é devorado por um grande Tubarão, conhecido como “Átila dos peixes e dos pescadores”, e reencontra o pai. Pinóquio consegue salvar seu pai e a si mesmo do Tubarão. Porém, o velho Gepeto ficara com a saúde comprometida. Por isso, ele passa a trabalhar para poder alimentar e cuidar do velhinho. E,

como ele tinha que trabalhar, ele não ia mais a escola, porém, depois do trabalho, ele exercitava sua leitura e escrita:

Á noite ficava acordado até tarde exercitando-se na leitura e na escrita. Havia comprado na aldeia vizinha, por poucos centavos, um livro grosso ao qual faltavam a página de rosto e o índice, e com ele fazia suas leituras. Quanto a escrever, usava um graveto apontado que nem uma pena e, não tendo nem tinteiro nem tinta, mergulhava-o numa garrafinha cheia de caldo de amoras ou de cerejas.(COLLODI, 2009, p.186)

Pinóquio, que antes acabava se desviando da escola por mil e um motivos, agora, que não tem condições de freqüentá-la, arranjou formas alternativas de se instruir. Mas não são os cálculos ou qualquer outra coisa que ele tenta aprender, mas sim ler e escrever. O boneco se esforça para aprender a ler pois percebe a importância da leitura - mesmo tendo tão pouco tempo de vida. Seu pai tinha feito o que podia para lhe comprar a cartilha, sabendo também como era importante saber ler, e agora Pinóquio não podendo gastar seu dinheiro com cartilha ou escola (seu pai estava doente), ele com poucos centavos compra um livro. Não se é informado que tipo de livro que era, apenas que estava sem a página de rosto e índice. Ou seja, independentemente do assunto do livro ou se era voltado ao ensino da leitura e escrita, foi ele que Pinóquio utilizou para aprender a ler. Ou seja, podemos deduzir que nessa cena o boneco se encontra na segunda etapa da aprendizagem da escrita, pois ele não usa mais a cartilha e sim um livro. Ele memorizou o alfabeto, tem conhecimento da sintaxe da escrita, é capaz de estabelecer associações entre as palavras e é capaz de entender a estrutura das frases. Seu aprendizado foi enriquecido, e se tornou um leitor mais competente, porém ele ainda não é o leitor.

É interessante a utilização da palavra “exercitando”. Por exemplo, geralmente se utiliza a palavra exercitar para atividades físicas que são repetidas constantemente com a finalidade de se atingir algum objetivo por meio justamente das repetições. Como é o caso da musculação em que os músculos são fortalecidos de tanto que são levados a exaustão. Porém, embora seja importante a prática constante da leitura, o exercitar apenas por exercitar não fará do sujeito um leitor melhor, pois a leitura não pode se encerra à uma atividade mecânica. Logo, por mais que o boneco se esforce, se exercitar na leitura de único livro não fará de Pinóquio um leitor pleno e por isso, nesse trecho do livro, ele não conseguiu ainda passar da segunda fase de leitura descrita por Manguel. Ainda assim, conforme Manguel mesmo diz, Pinóquio, no fim das contas, consegue aprender o alfabeto e aprende a ler a superfície de um texto:

Apesar de todas essas limitações – diversão, derrisão, abandono -, Pinóquio consegue galgar os dois primeiros degraus de aprendizado da sociedade: aprende o alfabeto e aprende a ler a superfície de um texto. Nesse ponto, ele para. A partir desse momento, os livros se transformam em lugares neutros, próprios para o exercício desse código, aprendido para que dele se extraia, no fim, uma moral convencional. A escola o preparou para ler propaganda. (MANGUEL,2009, p.44)

Sua transformação em menino foi demorada, tortuosa e Pinóquio se esforçou muito para que isso acontecesse, processo semelhante ao processo de aprendizagem da leitura. Porém, por mais que ele tenha se esforçado, sua educação sempre fora voltada a lhe preparar para trabalhar como um adulto, e a leitura de seus livros nunca fora feita com outra finalidade se não a de aprender as palavras de seu país. Como Manguel diz:

Tudo o que Pinóquio pode fazer, depois de aprender a ler, é recitar como um papagaio o texto da cartilha. Assimila as palavras que estão na página, mas não as digere: os livros não se tornam verdadeiramente seus porque, no final de suas aventuras, continua sendo incapaz de aplicá-los à experiência de si mesmo e do mundo. (MANGUEL, 2009, p.45)

Pinóquio não questiona porque uma criança tem que trabalhar para cuidar de um velho enfermo, porque ele passa fome ou porque tem sua infância negada. Logo, suas leituras não o fizeram refletir sobre sua vida, não mudaram em nada o seu ser, e ele não se tornou um leitor completo.

4. Conclusão

Podemos concluir com a releitura da obra que Pinóquio não conseguiu se tornar o leitor que Manguel define como um leitor completo, ele para no meio do processo de aprendizagem da leitura, não conseguindo atingir a terceira etapa. Além disso, embora na primeira situação de leitura apareça um possível leitor (o menino da aldeia), com a falta de informações não dá para afirmar se o menino era realmente um leitor, de forma que o único leitor que podemos afirmar com toda certeza que aparece na obra é Pinóquio.

Uma das características mais marcantes na história de Pinóquio é a questão da pobreza. A fome e a pobreza marcam a existência do boneco desde o seu “nascimento” - seu nome foi escolhido pois Gepeto conheceu uma família inteira com esse nome:

-Que nome vou lhe dar ? - disse de si para si. - Quero chamá-lo Pinóquio. Esse nome vai lhe dar sorte. Conheci uma família inteira de Pinóquios, Pinóquio o pai, Pinóquia a mãe, Pinóquios os filhos, e todos viviam bem. O mais rico deles pedia esmola. (COLLODI, 2009, p.14)

Mesmo com toda a falta de recursos, Pinóquio vai à escola. Não sem que aconteça vários sacrifícios, e inclusive chegue ao ponto de que o boneco continue sua instrução sozinho por falta de dinheiro e por ter que trabalhar para sustentar seu pai. O boneco é a personificação não somente da criança italiana, como também da criança europeia do século XIX:

Até meados do século XIX, a maioria dos europeus pobres era analfabeta ou semianalfabeta, e a maioria dos europeus era pobre. Ainda em 1931, vinte por cento dos italianos adultos não sabiam ler nem escrever; no sul, não menos de quarenta por cento. (CARTER, 2011, p.7)

Pinóquio não sonha com uma biblioteca, mas sim com “uma estante cheia de frutas cristalizadas, de tortas, de panetones, de torrões e de doces com creme” (COLLODI, p80). Logo, é evidente como o problema da pobreza foi (e ainda é, não nos esqueçamos) um obstáculo na formação não somente de leitores, mas como também na formação de estudantes. Afinal, quantas crianças pobres nunca pisaram em uma escola ou tiveram algum tipo de instrução? É curioso notar que a versão, ou ainda a "leitura", mais difundida de "As Aventuras de Pinóquio" é justamente a animação para a televisão da Disney, onde a questão da pobreza não é tocada nenhuma vez. No desenho da Disney, há fartura de comida e não a falta dela, e Gepeto não é pobre. E, ao contrário do boneco que Collodi criara, nessa versão vemos um Pinóquio inocente, ingênuo, dócil; nada parecido com o Pinóquio original.

A obra de Collodi é uma aventura de formação, onde podemos ver o percurso do boneco na tentativa de se educar e de aprender a ler:

A saga do boneco é da educação de um cidadão, o velho paradoxo de alguém que quer entrar na sociedade humana comum e, ao mesmo tempo, tenta descobrir quem realmente é, não como é visto pelos olhos dos outros, e sim por seus próprios olhos. Pinóquio quer ser “um menino de verdade”, mas não qualquer menino, não uma versão pequena e obediente do cidadão ideal. Pinóquio quer ser o que ele realmente é sob a madeira pintada. (MANGUEL, 2009, p.39)

Embora ele tenha conseguido entrar na sociedade, e até mesmo se tornado um menino de verdade, ele não chegou a descobrir quem ele realmente é, e ao final do livro, ainda não tinha se tornado um leitor completo. A partir dessa obra, gostaria que refletíssemos sobre a formação de leitores de nossa realidade. Segundo Manguel, a realidade não pode ser “vista” por quem a vive sem um “certo distanciamento” e é na literatura onde podemos conseguir esse distanciamento para poder olhar para a nossa vida:

A realidade trata de especificidades disfarçadas de generalidades. A literatura faz o contrário, de modo que Cem anos de solidão pode nos ajudar a entender o destino de Cartago, e os argumentos de Goneril podem nos ajudar na tarefa de traduzir o duvidoso dilema ético do general Aussaresses, o torturador de Argel. (...) se um leitor é capaz de ir além da superfície de determinado texto, tal leitor pode extrair de suas profundezas uma questão moral, mesmo que essa questão não tenha sido formulada pelo escritor com muitas palavras, pois sua presença implícita desperta no leitor, de qualquer modo, uma emoção à flor da pele, um pressentimento ou simplesmente uma lembrança de algo que conhecemos há muito tempo. Por meio dessa alquimia, todo texto literário torna-se, em certo sentido, metafórico. (...) A realidade, o lugar onde estamos, não pode ser visto enquanto estamos nele. É o processo de “primeiro ou de segundo grau” (que se dá por meio das imagens, da alusão, da trama) que nos permite ver onde estamos e quem somos. A metáfora, em sentido amplo, é o modo como captamos (e às vezes quase entendemos) o mundo e nosso desconcertante self. Quem sabe toda literatura possa ser entendida como metáfora. (Manguel, 2009, p. 55)

O que podemos notar é que não é somente a pobreza material que causa a pobreza intelectual dos alunos, pois embora esse seja um problema em muitos países em desenvolvimento, como explicar a falta de leitores competentes em países considerados ricos? Talvez a questão que temos que levantar seja “se nunca em toda a história do mundo existiram muitos leitores, porque nunca se fez uma mudança no sistema educacional?”. A escola como conhecemos hoje segue praticamente o mesmo padrão de quando se formou como instituição e é a mesma da história de Pinóquio.

Manguel, em entrevista para um jornal português, diz que “somos a primeira sociedade que entrega os seus filhos à escravidão, sem qualquer sentimento de culpa.”, pois as

escolas, de uma maneira geral, na prática são mais um centro de treino do que um espaço de formação e aprendizagem:

Nesses centros de aprendizagem, estamos a criar seres humanos que não confiam nas suas próprias capacidades e que começam a acreditar que o seu único objectivo na vida é arranjar trabalho para conseguir sobreviver (...)

(MANGUEL, 2010 – Entrevista concedida ao jornal português Público)

Podemos observar que a finalidade de toda a aprendizagem na escola é preparar a criança para ingressar na sociedade e trabalhar, o que não é um fato recente. Em Pinóquio, a valorização do trabalho acontece na obra inteira. Quando a Fada Azul manda Pinóquio à escola, logo trata do assunto trabalho com o boneco, ou seja, a preocupação da Fada é que o boneco arrume um ofício, e não que exatamente que se instrua e seja um bom menino. Gepeto, ao resolver criar a marionete, pensa que sua criação seria uma forma de “conseguir um pedaço de pão e um copo de vinho” (Collodi, 2009, p11), ou seja, o primeiro intuito do velhinho é conseguir dinheiro. Logo, por mais que Gepeto e a Fada amassem e se preocupassem de fato com a marionete, a criação do boneco sempre foi voltada ao trabalho e a obtenção de dinheiro. E, talvez, justamente por isso, o boneco nunca entendeu que a educação era importante para a sua formação, que a leitura era libertadora e uma forma de repensar na sua existência; mas sim que todo o processo que ele passou na escola era necessário para que ele pudesse trabalhar.

É necessário então que repensemos a forma que damos aula e na importância da leitura na formação de nossos alunos, e foi pensando nisso que apresentei essa leitura de Pinóquio com foco na aprendizagem da leitura e o texto de Manguel sobre as fases dessa aprendizagem. Muitos são os educadores que propõem trabalhar na formação dos estudantes, mas quantos na verdade não estão apenas treinando seus alunos para que eles sejam os adultos que a sociedade espera que eles sejam, assim como acontece em Pinóquio? Não que dinheiro e trabalho não sejam importantes, mas é necessário que a escola seja realmente um espaço de formação e não um ambiente profissionalizante, e que essa idéia de formação de um ser subjetivo não fique apenas no papel, nos documentos e nos nossos planejamentos. Graciliano Ramos uma vez disse que “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita pra dizer”. Logo, que nossas palavras e nossos discursos não sejam apenas para romantizar a educação, para embelezar nosso planejamento, mas sim para dizer e registrar a nossa prática. Ou seja, que realmente nos preocupemos com a formação e que haja

espaço para que aconteça experiências na vida de nossos alunos de forma que nosso discurso não seja vazio ou utópico.

Para que isso aconteça, é necessário conseguir de fato formar leitores. Não é um processo fácil e não há um itinerário pré-estabelecido que nos garanta sucesso em nossa empreitada. Eu não tenho a pretensão de fazer um guia, mas é necessário que alguns pontos sejam levados em consideração.

O primeiro deles é que nós professores incentivemos realmente a leitura dos livros. Eu digo realmente por alguns motivos. O primeiro deles é que algumas vezes, na tentativa de seduzir os alunos, alguns professores trabalham com adaptações de um livro para a televisão ou com a leitura de adaptações de grandes clássicos com a desculpa que estes são mais fáceis que a obra original. Nos dois casos, na maioria das vezes, o que oferecemos às crianças são leituras empobrecidas, lhes negando toda a riqueza da obra original e subestimando a inteligência de nossos alunos.

Quanto à televisão, é necessário lembrar que essa já é privilegiada na casa das pessoas: pode ser que em algumas residências não se encontre nenhum livro, mas é certo que por mais pobre que seja a pessoa, ela não deixará de ter uma televisão. Logo, a escola que é por excelência espaço de formação de leitores, precisa proporcionar esse contato da criança com o livro. E eu digo livro, não e-book ou uma versão digitalizada. Nadine Gordimer, em um documento da UNESCO (Alfabeto da Esperança) fala que:

(...)a imagem do texto, da Palavra, desaparece fora da tela; para recuperá-la, juntamente com os outros recursos visuais, é preciso ter um aparelho, uma célula, uma bateria, acesso a uma conexão de eletricidade. O livro não precisa de nada disso. Basta apenas segurá-lo nas mãos e ele pode ser lido, reaproveitado uma e outra vez, num ônibus, no metrô, no banheiro, no alto de uma montanha, numa fila. (GORDIMER, 2009, p. 48)

Não que ler um e-book seja ruim, mas é importante que a criança conheça o que é um livro, que ele possa ter a experiência de lê-lo, de estar na página 40 e voltar para reler a 35, de grifar as partes do texto que lhe tocaram ou ainda de fazer anotações nas margens das páginas. Gordimer ainda diz que:

O escritor norte-americano William Gass define bem a Palavra Escrita, em seu lar, o livro: Não podemos entender o que é um livro e por que um livro tem o valor de muitas pessoas...se esquecemos quão importante para ele é seu corpo, o prédio que foi construído para manter todas as suas linhas de linguagem seguramente reunidas... Palavras em uma tela têm qualidade virtual, com certeza... mas não têm materialidade, são apenas sombras e, quando muda a luz, desaparecem. Fora da tela não existem como palavras. Não esperam para serem revistas, relidas: só esperam para serem refeitas, reacesas. (GORDIMER, 2009, p.48)

Também é importante a valorização do tempo de leitura dos alunos, onde acontece esse contato deles com os livros e não a leitura do livro feita pelo professor, pois, como Larrosa diz:

A oralidade no ensino supõe habitualmente um controle muito estrito sobre a recepção correta do sentido e sobre as produções linguísticas dos estudantes; ao contrário, a leitura escapa muito mais facilmente a todo controle e sua dimensão solitária e silenciosa permite exercícios de interpretação muito mais arriscados e plurais, pelo menos se não consideramos a leitura como mera apropriação de algo (informações, ideias, verdades, etc.) que já está no texto. (LARROSA, 2001, p.14)

Logo, impedir essa leitura silenciosa e solitária do aluno é impossibilitar que haja espaço para a formação de leitores. Também é fundamental que as crianças tenham acesso aos livros fora da sala de aula, logo é essencial a construção e manutenção de bibliotecas, tanto escolares como públicas – algo que nos dias de hoje, infelizmente, tem sido pouco valorizado e o investimento público na área é bem precário. Como Manguel diz, prefere-se investir em tecnologia do que em livros:

Simbolicamente, nossas moedas celebram pássaros, paisagens e políticos, não artistas; nossas cidades não têm placas em homenagem a escritores; o orçamento destinado à educação é o primeiro a ser cortado; a maioria de nossos governantes mal sabe ler e escrever; nossos valores nacionais são puramente econômicos. Elogia-se da boca para fora o conceito de alfabetização, e livros são oficialmente enaltecidos mas, de fato, nas escolas e universidades, por exemplo, o apoio financeiro disponível é investido mais em equipamentos eletrônicos (devido à pressão violenta da indústria) do que na impressão de livros, com a desculpa deliberadamente equivocada de que o suporte eletrônico é mais barato e mais durável que o de papel e tinta. Em consequência, as bibliotecas de nossas escolas estão perdendo rapidamente um terreno essencial. (MANGUEL, 2009, p.48)

É necessário que essa situação mude, e creio que a possibilidade da mudança está em nós professores. Por isso, espero que esse simples trabalho possa fornecer aos educadores uma reflexão sobre a aprendizagem da leitura e de como a formação de leitores é importante.

5. Referências Bibliográficas

Livros:

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. Textos de intervenção: seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades: 34, 2002, p. 77-92.

CARTER, Angela. A menina do capuz vermelho e outras histórias de dar medo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2011.

COLLODI, Carlo. As Aventuras de Pinóquio. 4º edição. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. 6º edição. São Paulo: Editora Ática, 2008.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: Costa, M. V. Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação. 3º edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p 129-156.

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana. 4º edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

MANGUEL, Alberto. À Mesa com o Chapeleiro Maluco: Ensaio sobre corvos e escrivainhas. 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Online:

Alfabeto da esperança: escritores pela alfabetização – Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em :<<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001804/180480por.pdf>>. Consulta feita em 12/11/2014.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Consulta feita em 07/12/2014.

Entrevista Alberto Manguel: “Estamos a destruir o valor do acto intelectual”. Jornal Público, 2010. Disponível em: <<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/alberto-manguel-estamos-a-destruir-o-valor-do-acto-intelectual-1445234>>. Consulta feita em 18/12/2014.